

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Arquimedes dos Santos Filho

Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira” da Etec Bento Quirino

Campinas/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistador / Instituição: Américo Baptista Villela / Centro de Memórias “Orleide A. Alves Ferreira, Etec Bento Quirino

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Buscou-se subsídios para entrevista no artigo de Rogério Duarte Fernandes Passos, “MARCOS NA TRAJETÓRIA DE 50 ANOS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CONSELHEIRO ANTÔNIO PRADO, A ETECAP”, disponível em:

<https://www.webartigos.com/artigos/marcos-na-trajetoria-de-50-anos-da-escola-tecnica-estadual-conselheiro-antonio-prado-a-etecap/126965>. Acesso em: 18 abr. 2021.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Américo Baptista Villela

Local da entrevista: On-line

Data: 22 de abril de 2021

Técnico de gravação: Zoom Meeting

Duração: 23 minutos e 12 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritor: Américo Baptista Villela

Número de páginas: 10

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada com o Arquimedes dos Santos Filho egresso do curso Técnico em Química da Escola Técnica Estadual Conselheiro Antônio Prado, em Campinas, estado de São Paulo. Durante a entrevista, o depoente apresentou um relato das suas experiências como aluno da referida escola e de seu desempenho profissional em sua área

de formação. Combinando, educação familiar, educação escolar e desempenho do exercício profissional, a entrevista nos permite entrever a importância da escola em sua vida pessoal e profissional, bem como reconhecer o papel da escola profissional em seu desempenho no mercado de trabalho.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 23 a 26 de abril de 2021

Nome do transcritor: Américo Baptista Villela

Américo Baptista Villela (ABV): Bom dia, senhor Arquimedes dos Santos Filho. É, a presente entrevista é parte do projeto de História Oral desenvolvido pelo GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisa em Memórias e História da Educação Profissional - e tem como objeto a Educação Profissional e Empreendedorismo, neste momento. Nesse sentido, eu peço ao senhor que se apresente para que possamos conhecê-lo melhor, nos informando data e local de nascimento, filiação, como se realizou sua formação escolar inicial até chegar a atual Escola Técnica Estadual Conselheiro Antônio Prado, o ETECAP.

Arquimedes dos Santos Filho (ASF): Ok! Bom dia, professor Américo. Inicialmente gostaria de agradecer ao convite, né, e vou tentar aqui me expressar de maneira tranquila, e, pelos meus conhecimentos e pelos estudos que eu fiz, e de forma que seja bem claro e, em qualquer momento, o senhor, por favor, pode me interromper para que a gente esclareça qualquer ponto que ficar em dúvida aí. O meu nome é Arquimedes dos Santos Filho, eu sou natural mesmo de Campinas, na maternidade de Campinas, morava no Taquaral, aqui na cidade de Campinas Estado de São Paulo. Eu nasci em vinte e quatro de novembro de mil novecentos e cinquenta e seis, com o pai Archimedes dos Santos, pela antiga ortografia, e a mãe Luzia dos Santos. Lá, então, no Taquaral no ano de mil novecentos e sessenta e três, eu ingressei no Grupo Escolar Adalberto Nascimento. Em mil novecentos e sessenta e seis, pra minha sorte, anexo ao Adalberto Nascimento foi construído o Ginásio que foi então denominado Ataliba Nogueira, que já existia, mas foi transferido para o novo imóvel. Ali, então, após o exame de admissão, eu ingressei em sessenta e sete e me formei em mil novecentos e setenta. Na época era chamado grupo e ginásio, hoje eu acho que é primeiro grau, não sei como funciona hoje. Na época, então eu tinha treze anos quando me formei, fiz quatorze em novembro, e um grande amigo meu me convidou, no meu último ano de ginásio, a tentar entrar na Escola de Química, na época eu não sei se chamava COTICAP ou ETECAP, mas é a escola de química a qual a gente se refere aqui. Bom, eu tinha me preparado, fazendo junto, fiz junto com o meu quarto ano, o curso Mena Barreto que era lá perto da Escola de Cadetes, em um porão. Esse curso era preparatório para fazer o exame na escola de cadetes, ingressar na escola de cadetes, mas visto a minha pouca idade e o que o meu amigo me falou, a minha tendência foi ir para a escola de química. Então lá fomos, fizemos a inscrição e realizamos o exame de admissão para essa Escola Técnica. Bom, fui aprovado, graças a Deus, e iniciei, então, o estudo naquela escola aonde o primeiro ano foi de muita serventia, totalmente pra teórico, e a gente passava pelas portas dos laboratórios que eram cortadas no meio, com aquele vidro transparentes, o plexiglas para a nossa segurança. A gente ficava olhando aqueles laboratórios de práticas, com segunda e terceira anistas fazendo aquelas práticas de laboratório. Aquilo me incentivou demais o que eu queria fazer, ai eu percebi então que eu acreditava que fosse melhor para mim, fazer a carreira técnica em química. E assim, eu prossegui, eu estava procurando alguma coisa pra que me desse rentabilidade de mercado, um salário para ajudar a minha família. E o meu amigo me disse, esse meu amigo

mais velho: voltei do segundo ano do científico ou colegial na época, eu não lembro, pra fazer escola técnica porque as indústrias estão atrás de técnicos químicos e estão remunerando muito bem. Na época, os anos setenta, realmente isso era verdade. Bom, ali tive vários professores na escola técnica de química e do segundo ano para o terceiro, vários professores foram muito importantes na minha formação, mas um deles, me chamou muito a atenção, e se eu não me engano o nome dele era Piovesã, Piovesã ou Piovesani, uma coisa assim. Era de Química Analítica, onde ele me introduziu as técnicas de laboratório, não só em estudo, mas como eu deveria fazer se eu quisesse ter sucesso na carreira. Bom, ele me ensinou, principalmente, que a gente não deveria nunca fabricar um resultado falso, mesmo que a gente conseguisse um bom resultado, ele deveria se aquilo que deu, as vezes não era o esperado para aquilo que o pessoal quisesse. Ai, ele me ensinou acerto técnicas de acerto de aparelho, saturação de produtos, uma série de coisas e nunca mentir no resultado. Tive aquilo comigo e carreguei até hoje. Então, fiquei muito feliz com a minha formação, me formei lá, e durante esse período todo, meu pai trabalhava com dedetização, faltava para ele um produto que além da dedetização pudesse matar os ratos, que era um problema na época em granjas, muito problemático. Ai, eu, na escola de química, com todo equipamento, material e produtos mergulhei em uma pesquisa e consegui sucesso. Ali, o meu produto conseguiu fazer com o que rato comesse, não fizesse mal nem as galinhas, nem à cachorros, devido a concentração do produto e com um ingrediente que eu adicionei que era casca de banana, seca, o cheiro ficava parecendo cheiro da rata no cio, então atraía demais os ratos. Eles largavam o queijo e comiam o produto que era misturado com açúcar cristal, uma série de coisas, além do princípio ativo. Esse produto foi um sucesso.

ABV: Isso, o senhor ainda estava na escola, senhor Arquimedes? o senhor ainda estudava.

ASF: Sim, sim, eu estava no segundo para o terceiro ano e usei o Laboratório de Analítica junto com esse meu professor para fazer essas pesquisas. Ele me ajudou muito nisso. Ai, depois de seis meses de testes com ratos, etc., nós chegamos a um baita produto. Inclusive, o problema do rato é que quando ele morria com outros produtos, o rato morria em alguns lugares, ele morria e ficava cheirando. Esse produto tinha um princípio ativo, que quando morria, ele secava o sangue do rato, depois que ele consumisse o produto e era transmissível pelo sexo. Então, quando um rato macho comia, ele infectava a fêmea e infectava os filhotes na amamentação. Todos eles faleciam, secando o sangue e não dando cheiro. Esse produto foi colocado no mercado e por problemas familiares e financeiros, entre meu pai que tava a frente do negócio e comigo, eu resolvi sair disso. Me formei, segui minha carreira técnica em Química, fazendo estágio na Gessy. Depois um período fiquei lá na própria escola como Auxiliar. Na Gessy, eu trabalhei de janeiro a maio de mil novecentos e setenta e cinco. De maio até outubro, os professores me chamaram para a escola, para ser Auxiliar de Laboratório deles. Em outubro, a Rhodia me chamou: quando a Rhodia me chamou; era um baita salário para a época. Eu não tive dúvidas, fui direto para a Rhodia. Ali comecei então meu estudo na Rhodia, pra mim foi importante, porque eu já tinha comigo que eu tinha que fazer alguma coisa da minha vida. Eu tinha já, uma namorada e eu queria (pausa emocionado), tocar minha vida e casar com ela. E assim fiz, e na Rhodia fui desenvolvendo, fui estudando e a Rhodia foi me dando oportunidades, mas eu não parei ai, ingressei em uma Faculdade em Itatiba, se eu não me engano era São Francisco, e lá eu comecei a fazer um curso de Engenharia Mecânica Operacional. Bom, engenheiro mecânico operacional, ele é uma graduação pouco inferior ao Engenheiro Mecânico Pleno, e a Rhodia me abriu oportunidades para vários cursos, lá dentro da Rhodia, onde fui tendo promoções e onde observei que era melhor eu continuar me dedicando a Rhodia, devido ao campo do mercado de trabalho e salário que eu continuei tendo na Rhodia cada vez melhor e um engenheiro mecânico operacional formado em Itatiba não ia me dar o retorno para o que eu estava precisando. Parei a faculdade lá. Toquei os cursos na Rhodia e consegui. Fiz a coisa certa, consegui promoções,

promoções, acabei casando e, nos anos oitenta, eu tive a maior evolução da minha carreira na Rhodia. Nunca esquecendo daquele ensinamento do professor: não deixe nunca de mostrar o resultado real. E peguei um monte de problema lá na empresa, um monte de resultado fabricado. Quem conhece técnicas de análise sabe, que quando você quer fabricar um resultado, você fábrica. Sabe é faturação, aparelhagem, tal, você coloca como resultado final o que você quiser, mudando as, os ingressos dos valores na época. Ai, acho que a Rhodia percebeu e acabou me promovendo. Assim eu fiz, quando foi nos anos oitenta, a Rhodia pediu para que eu fizesse um curso de administração de empresas para que eu pudesse agir na parte de unificação de todos os laboratórios da empresa. Era outra atividade, ainda como Técnico Químico, mas ia entrar a parte administrativa de todos os laboratórios. Isto foi uma coisa a mais que eu fiz, fiz a faculdade, de oitenta e quatro até oitenta e sete, justamente nesses anos foi que nasceu o primeiro filho em oitenta e quatro e o segundo em oitenta e seis. Até hoje eu me pergunto: a onde eu arrumei tempo para tudo? Bom, mas consegui. Ai, professor Américo, eu fui na Rhodia até o topo da minha carreira como Técnico Químico onde eu poderia chegar, gerenciando a qualidade de produtos importados e exportados, compra de equipamentos e etc., mas para mim não foi o suficiente. Porque quando chegou perto dos anos noventa, nós criamos uns problemas dos assalariados do país. Isso não vem ao caso agora, só que eu com dois filhos querendo mais coisas para a minha família, eu resolvi que estava na hora de dar um basta na minha carreira. Eu já estava no teto da Rhodia e não conseguia subir mais lá, pela minha formação. Ai, então, eu resolvi sair de lá e ir trabalhar como autônomo que foi até dois anos atrás, quando eu me aposentei. Nisso tudo, fica o empreendedorismo que eu tive na escola de química que foi muito fundamental na minha vida. A aula prática e os professores que lá tive, nada se compara, você está pronto para chegar no mercado de trabalho e conhecer os equipamentos, os insumos, a parte de segurança e a parte da honestidade. Até a Rhodia, uma vez, me fez uma pequena homenagem, vamos dizer assim, em uma revista que eles publicaram. Bom, tudo isso fez parte da minha formação profissional, professor.

ABV: Certo, e mais uma pergunta: - senhor Arquimedes. É, o curso técnico, ele o qualificou também para essas atividades gerenciais que o senhor veio a exercer na empresa? Na Rhodia, no caso, ou o senhor acha que aí já foi mais a sua história de vida? Como é que o senhor pensa essa questão?

ASF: Eu acho que a gente não pode nunca separar o que você aprendeu na escola, com a educação que você tem na sua casa, com o que você aprendeu na rua. Para mim é uma somatória que você tem que equalizar essas informações que você tem, mas senão fosse a escola de química, os professores que eu tive, eu não teria a formação que eu tenho. Senão fosse minha vida na rua, o que eu passei, também não teria a formação que eu tenho, mas falar assim um pouco de cada um, eu acho que o fundamental é você estar em uma escola boa, que você queira apreender com bons professores e com um material, com um local adequado. Para mim, a escola de química, esse curso profissionalizante foi fundamental. Fundamental, teve um grande peso na minha vida, que eu carrego até hoje.

ABV: Certo. E as questões disciplinares no interior da escola. Como é que o senhor pensa isso, é próximo ao que é hoje? Como é que o senhor se lembra desses episódios.

ASF: Olha professor, pelo que eu vejo hoje nas escolas, em que eu vejo alunos e professores acontecendo, é, porque eu não sei como está lá na ETECAP, onde eu cursei, mas eu vejo como está no primeiro grau, grupo e coisa. Eram outras situações, era outro comportamento, inclusive a técnica de ensino hoje é outra. É, na época a gente assimilava muito o que era transmitido para a gente. As informações eram dadas dentro do que existia na época, né? Fazendo um paralelo, é uma coisa só eu posso dizer, o respeito do aluno pelo professor tem que ser sempre. O professor é aquela pessoa que vai transmitir alguma

coisa, você não pode nunca, pegar um professor e desrespeitá-lo. Na época a gente respeitava muito, como eu faço até hoje.

ABV: Certo, e, senhor Arquimedes, o senhor também tem um episódio da vida pessoal, relacionado ao curso. Foi durante o curso que o senhor conheceu a esposa, e como é que o senhor pensa essa coisa também. Esse papel da escola na sociabilidade etc.?

ASF: Ah, quando eu começo a falar, na minha esposa (pausa emocionado) é difícil porque ela é única. Eu a conheci no último ano da escola, eu com dezessete anos e ela com quatorze, eu acho que a escola foi fundamental inclusive nisso. A gente era muito jovem, e dali foi que despertou a vontade de crescer, e dar certo na vida. Nós começamos namorar na primeira semana de aula, de mil novecentos e setenta e um, não, setenta e quatro, setenta e um foi quando eu entrei na escola, setenta e quatro foi quando ela entrou. Começamos a namorar em uma semana, nunca fomos amigos, sempre fomos namorados e a gente namora até hoje. Então, fala isso da minha vida pessoal, aquela escola foi tudo para mim, inclusive nessa área. Só tenho a agradecer.

ABV: Perfeito, senhor Arquimedes. Quer dizer a escola estimulou profissionalmente, enquanto ser humano e, de certa forma, acabou sendo determinante na própria vida que o senhor veio a ter, constituindo família, etc.

ASF: Responsabilidade, responsabilidade, com seriedade e honestidade. A escola de química foi muito importante. Na época eu tinha de treze para dezessete anos, estava formando meu caráter, né? Então, ali, período integral, ia de manhã saia a tarde, eu ficava lá, porque não tinha dinheiro para pegar o ônibus na hora do almoço e voltar para casa, estudava período integral, ficava lá o dia todo, usava meu horário de almoço para estudar. Então foram três, quatro anos ali, muito intensos, e aonde, eu realmente, foi determinante na minha vida até hoje.

ABV: Uma faceta que o senhor acabou não abordando, senhor Arquimedes, mas que em nossas conversas prévias, era de meu conhecimento, e as práticas desportivas no interior da escola?

ASF: (tosse) Bom, naquela época, lá existia um campo de futebol muito bom, existia a prática da aula, né, educação física que chamava. Tinha uma quadra de basquete boa também, mas era de chão batido, mas era boa, não tinha pedra nem nada, era boa. Uma quadra de vôlei e ali existiam as competições, na semana da pátria. Era uma total integração entre todo mundo ali e eles faziam muitas competições. A gente participava de muita coisa, é, duas vezes por semana, naquilo e depois nessa semana da pátria. Era muito incentivado, pelo diretório acadêmico da época, e com premiações, etc. Então, é assim, é, foi uma somatória, a parte desportiva eu não tinha citado, ainda mais eu, né, que graças a Deus, na época era, era, bom, vamos dizer, era um atleta, amador, vai, que nunca fui para a carreira profissional por outras situações, mas adorava tudo aquilo. E, também, aproveitei muito aquilo ali e todo aquele espaço que a escola nos dava, um belo vestiário, boa estrutura, é, nossa foi, essa parte também foi muito bom.

ABV: E com relação a escola, senhor Arquimedes. O senhor estudou na época que havia um convênio entre as empresas que faziam a gestão do COTICAP, né, à época, como o senhor falou?

ASF: É, era, este nome COTICAP, ETECAP, parece que foi e voltou, mas a escola é a mesma, tá? Hoje é ETECAP, né? E lá eles tinham assim, quando você estava no último ano, as empresas mandavam as fichas, para você fazer, é, inscrição da onde, na empresa que você gostaria de fazer o seu estágio, né? Porque na época o mercado estava

necessitando de técnicos químicos, as empresas pegavam pessoas e davam ela a prática laboratorial para que o pessoal pudesse trabalhar. Ai, você imagina ali, se tivesse um acidente, etc. o que não acontecia. O custo que as empresas tinham para formar basicamente pessoas que nunca tinham visto um laboratório com produtos químicos perigosos. E, então, as fichas eram preenchidas lá na escola e você saia direto para estágio na empresa que você escolhesse ali, né? E depois, de formado no estágio, você tinha a possibilidade de ingressar em outra empresa porque o mercado era carente de técnico químico. Então, ninguém ficava lá sem sair para lugar nenhum, todo mundo era direcionado na época, o mercado borbulhava para esse tipo de formação e a gente, então, aproveitou essa época ai e direcionou. A escola era engajada direto com as empresas, eu não tinha conhecimento de como era esse contato, mas entre diretoria, etc., eu sei que foi muito bem, ninguém ficava sem um estágio remunerado para início, da hora que você formasse. Eram cinco meses em várias indústrias da região.

ABV: Perfeito senhor Arquimedes, é, há mais alguma informação que o senhor julgue necessário estar registrando, que nós não tenhamos abordado nesse momento?

ASF: Professor Américo, eu acho que, aproveitando essa entrevista, eu acho que a gente pode deixar aqui uma mensagem para os jovens de hoje, né? Esses jovens, eles têm que buscar aquilo que eles querem. Eles têm que buscar, focar no que ele pretende fazer. Hoje existe até cursos que direcionam o que a pessoa quer, o jovem não sabe. Eu fui direcionando para a escola de química, por um técnico em química, por um acaso, um amigo meu me chamou, sabe? Nunca imaginei que fosse ser químico, técnico químico, e aconteceu na minha vida. Hoje existe esses cursos e até entrevista para direcionar o que a pessoa pode fazer ou até a tendência da pessoa, mas seja para que lado ela seguir, ela tem que sempre respeitar o professor e sempre tem que ser honesto naquilo que ela está apreendendo. Se a pessoa, se o jovem, seguir respeitando os professores, respeitando os pais e seguir em foco naquilo que ele quer ser, com certeza ele vai ter sucesso na vida.

ABV: Senhor Arquimedes, eu agradeço muito a oportunidade de estar fazendo esta entrevista, de estar construindo esse registro e vou realizar a transcrição da nossa entrevista, da nossa conversa e submetê-la-ei a sua apreciação para aprovação. Agradeço muito, senhor Arquimedes.

ASF: Eu quem agradeço professor Américo, estou à disposição sempre que precisar, pode contar comigo. Muito obrigado a todos.

ABV: Eu quem agradeço.

Descritores

Escola Técnica Estadual Bento Quirino

Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado

Centro de Memória

História oral na educação

Empreendedorismo

Arquimedes dos Santos Filho

Américo Baptista Villela

Educação Profissional

Campinas

ETECAP

Técnico em Química

Rhodia

Estágio

Laboratório de Analítica

Engenharia Mecânica Operacional

Administração de Empresas

Dados Biográficos do Entrevistado



Foto publicada na Revista Rhodia Atualidades Fevereiro de 1989
Fonte: Acervo do Depoente, em 2021

Arquimedes dos Santos Filho é aposentado e nasceu em 24 de novembro de 1956, sendo natural de Campinas, estado de São Paulo. Aos sete anos ingressou no Grupo Escolar Adalberto Nascimento tendo concluído o ginásial na Escola Estadual Barão de Ataliba Nogueira. Em 1971, foi aprovado no concurso de admissão, iniciando os estudos na atual Escola Técnica Estadual Conselheiro Antônio Prado – ETECAP – na qual se tornou Técnico em Química. Ainda como estudante criou uma fórmula inovadora para combater as pragas de ratos que infestavam fazendas e granjas da cidade de Campinas.

Formado, atuou nas empresas Gessy Lever, em Valinhos, e na Rhodia, em Paulínia, quando inicialmente cursou Engenharia Mecânica Operacional, mas veio a se formar em Administração de Empresas. Na Rhodia alcançou o mais alto cargo da empresa disponibilizado aos técnicos, tendo se destacado no programa de unificação dos laboratórios da mesma, da qual se desligou no início dos anos 1990.

Dados Biográficos do Entrevistador



Professor Américo B Villela em Sala de Aula da Etec Bento Quirino, em 1994.
Fotografa: Aluna Lis Peres, em 1994

Américo Baptista Villela é professor da Etec Bento Quirino e Historiador lotado no Museu da Cidade em Campinas. Nascido em 11 de março de 1970, é natural de Jaboticabal, São Paulo, onde cursou o Ensino Médio pela manhã e o Técnico em Contabilidade no período noturno na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Aurélio Arrobas Martins”. Concluído o Ensino Médio, ingressou no curso de História da Universidade Estadual de Campinas onde obteve os títulos de Bacharel e Licenciado em História no ano de 1991. Em 1996, retornou à Pós-graduação em História na mesma universidade, iniciando o Mestrado com o projeto “Os (des) caminhos da cultura: política cultural e memória em Campinas”, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari. Em 1997, foi forçado a interromper os estudos, obtendo o título de especialização em História Social. Em 2008, retorna à Pós-graduação, agora na Faculdade de Educação da Unicamp ingressando no Mestrado e obtendo o título de mestre em 2011 com a defesa da dissertação 18 “O instituto profissional masculino Bento Quirino: uma visão social ideológica, maçônica, industrial e

republicana”, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho. No mesmo ano, cursa a especialização em “História da África e das culturas afro-brasileiras” tendo como temática “Da legalidade a realidade: A questão africana em sala de aula”, sob orientação do Prof. Dr. Acácio Almeida apresentando o ensaio A lei, ora a lei...: uma análise da aplicação da lei 10.639 na Etec Bento Quirino em Campinas, que foi publicado posteriormente na obra “Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem”. 1ed.Campinas: Pontes, 2013, v., p. 107-130. Organizada por Monari Evelyn Belo, Eraldo Leme Batista e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. Endereço plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2252310371562744>

Anexo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de Arquimedes dos Santos Filho